

Emitto Mângere morava em Kitchenerley, e adjacente des-  
seu quarto avistava elle um lindo jardim, percorrido  
por quartos visitava elle um lindo jardim, percorrido em  
a casa vizinha. Notou elle todos os tristes, quando co-  
meçava a fazer belas a sua luta, una linda e grande

11

Out quanto não solteu esse pobre moço ! Almia nobre,  
alma amante no cristal da virtude, preferiu antes a  
morte, que ver-se unido com um nôzor enlou-  
trival na nossa sociedade, porém sensível para o ho-  
mem honrado velado de sua dignidade.

A finira de rematar Mangue soltava sons tão duros que dissenteria o velho-aí-la noite mordendo esse instante.

I

Mas eu, meu amigo, não quinhão nesto terreno, até  
que nenhuma dessas missões, — embora aquelle distingua  
escriptor português digno que a inteligência é a que  
nunca ostentou-se em borda sua Luz — la sua conste-  
sobrenatural grande — o Deus! — o Deus é o penas-  
tado superio que resumo tido, poadue tido enon-  
elle do nre, na prece de Mudebande : a intelligen-  
cia, pois, é una scotilla divina que prece de Deus  
é o portinho, da melhor maneira que pudet, le con-  
duzir no nyuphou para mostrelo o autor no scritto  
supeno o ultimo — o mordel — no fundo da vita  
vida, a arte no certe du day, na veltin do esco, mostre  
poder-me a perepis e lo.

Em abertura a presidente daquelles que não tem outra  
dei senão a do ouro, que alheiam pelo fascinante efeito  
até son people sangue, tem a cultura da ignorância  
e semelhanças dos mudanços se vêem nas trevas, por  
que toda a scena é, para elles se encontra no *upão*, o que  
já dizízera C., Castello Branco : « ignorância, que é a  
virtude ; estupidez, que é a felicidade, trevas, trevas,

que não pode ser possuír o talento e a inspiração  
do autor de *Guanaju*, para descrever este festejo com as  
tinhas tñmes e minhosas que costuma fazê-l-o este  
arista, este genio da literatura brasileira.

*Amigo Félix Ferreira.*.—A pedagogy history que le vuu  
contar, meu amigo deve ser o un parte subida por ti qdella  
não é um parte de minha imaginação exaltada, mas  
um bruto interamente verdadeiro : o que tu não sabes,  
porém, são certos poemônios que fizem delle quasi  
um romance, e um romance bem triste, boni cheio de

A. *Hypothalamic magnocellular*

*Argus* 1949

(*mu(mo.)*)

misses do dar um grito de protesto. A exceção de John, Helen e Theodore personagens não vivem, são sombras mundas desde o ponto de aspectos literários, tanto como artes.

A verdade histórica por demais evidente que autor teve medo de enriquecer a sua obra comunitária, mas de que modo ele fez? Ele deu as alegrias e as tristezas da vida humana em suas histórias, mas de que maneira?

Na verdade, pode chegar a modestia

rot de propulsor, se tel vez, tumba peticionada, en su caso, tales efectos de semejante procedimiento no quedarán sin planteamiento, a

A negao do poldgo é completa, nndu deixia a espuma  
nndu deixia amarelo; e, se o pnto sope outra vez, o  
pbligo pescante que vai voz o ouvir o mssimo darrin-  
sul outra epocita e outras ostsntos, e prndido de  
negao chega a pote de mordomo jonto o Albergo Vi-  
d L ponhneando o mesmo nome da inuidade unida a o  
da mosso arte.

seu o outro, e o que é de menor tempo depois desse.

per simplesmente espugnare il borgo, e desorvolare la gente no d'arano; nissuno o fez, prologo e drama questi due non nun fregando fien, pote un avor perdetamente

O autor foi mais longe do que devia, no pedido que

menina assentada em um banco de pedra que parecia prestar toda a attenção ás melodiosas notas que ouvia; assim foi elle se affeçoando, bem que involuntariamente, á sua dilletanti, a ponto que veio a amal-a muito, mas em segredo.

A menina havia pouco deixado o vestidinho curto e entrava na adolescencia com toda a graça e mimos das filhas dos tropicos. Fronte alta e pallida moldurada por longos fios de bastos cabellos negros, que rivalizavam na cõr com os seus olhos grandes, ora vivos, ora cheios dessa morbida melancolia que traz a puberdade; um corpo mimoso, macio aveludado provocando abraços, coberto sempre de finissimo vestido branco, que o desenhava fazendo sobresahir a forma nascente de uns seios de menina sempre palpitantes. Tal era o alvo sonho do moço artista a branca fada que lhe vinha sorrir no pensamento por entre as harmonias que elle repremia metade e dava a outra a sua magica flauta.

## III

Uma tarde, como de costume, o sól descambando, deixara espalhadas pelo firmamento as tintas do arrebol e ouvia-se ao longe os gorgeios dos passarinhos que precedem o crepusculo. Emilio tocava na flauta.

*Addio del passato bei sogni ridenti* o mais bello pedaço da Traviata; com tanta verdade interpretou elle o pensamento de Verdi, que a menina que o escutava bateu palmas. O moço despertando do seu extasis comprimento-a envergonhado e retirou-se.

Quinze dias se passaram sem que o moço tocasse mais nem a moça aparecesse.

Uma tarde recomeçou elle as suas harmoniosas phantasias,—é que Philomena, a gentil menina lhe havia escripto dizendo que morreria se não mais ouvisse os magicos sons da sua flauta.

## IV

Um anno decorreu.

Cada dia o moço alcançava um triumpho, ganhava uma palma na sua carreira artistica, que vinha depositar aos pés de sua formosa dilletanti: e ella?—pagava-lhe tudo com um sorriso, com uma doce inflexão na voz, dessas, que as mulheres tão bem sabem se servir e que valem muitas vezes mais que uma declaração completa; com um olhar desses que podem fazer poemas de fé, de crença e de amor, desses que inspirou a Victor Hugo, quando disse:—chega um dia em que todas as jovens olham assim desgraçado daquelle que então acha na sua presença.

E o moço era feliz; e como o não seria? Quem já amou um dia ardente, com um desses amores que semelhante a lava de um voleão deixão um sulco profundo e eterno no coração, poderá avaliar quanto jubilo não ia nessa alma de artista inspirado!

Pobres amantes! iam tão descuidados na estrada dos seus castos amores, colhendo as mais bellas e mimosas flores, e não viam lá ao longe a tempestade que se formava!

(Continua).

G. DE A.

## A industria moderna

## I.

Amo, venero os sabios,  
Rendo-lhes preito, adoração insonte.  
Ao altar da sciencia curvo a fronte.  
Profundo é o louvor que tem meus labios  
A' sacrosanta fonte,  
Ao tão frondoso galho  
Que partindo do céo tem por premissas  
Na terra as nobres liças,  
E as lutas submissas  
Da honra, da virtude e do trabalho.

As Artes quem não adora?  
Ou nos sons doces da escala,  
Da eloquencia na falla,  
Na poesia que encanta,  
Ou no pincel que decora?..  
Das bellas artes, espanta,  
A quem buscar com a vista,  
O berço, a fonte, o regaço,  
Pois lhe diz todo o espaço  
Que Deus foi um grande Artista!

Das sciencias irmã,  
Filha das artes, de ambas corollario,  
Quem sucede na arena?..  
E' a *Industria* louçã!  
Despida de ornamento tanto e vario,  
A face traz serena,  
Caminha só, vem triste, vem modesta,  
Parece a derradeira  
Devendo ser primeira  
N'um dia, todo seu, todo de festa.

Porque dos sabios ao lado,  
Ao artista dando a mão,  
Cabisbaixo o artesão  
Receia vir ao proscenio,  
Onde o sabio coroad,  
Onde o artista e o genio  
Colhem palmas e louvores?..  
O' artesões! já passaram  
Essas horas que amargaram  
A vós—os trabalhadores.

Cahiram os menoscabos  
Que a industria escravisa,  
Quando Roma amesquinhou  
Obreiros manufactores!  
Hoje tem renome, gabos,  
Palmas, triumphos, louvores  
Os pobres homens que off'recem  
A sua nação seu braço,  
E quando vem o canção  
Trabalhando desfalecem.

## II.

Das mais cultas nações sincero aplauso  
A pena bem merece;  
Ainda alcança ruidosos louros  
A espada que ennobrece.

E não passe portanto sem triumphos  
O arado que roteia,  
Que da terra maninha vai tirando  
A herva má e feia.

O machado que dá que alenta a vida  
Do triste proletario,  
O compasso, o esquadro, a trolha, a serra  
Do simples operario.

A espada, o compasso, a pena, o arado  
Tenham iguaes louvores,  
Quando a mão que os maneja abrillantar-se  
De vividos fulgores.

O cinzel do estatuario,  
Daquelle pintor a tela,  
Tem muito valor! E' bella  
A artistica adoração:  
Tenha também seu sacrario

vive em quanto não ama, sem recordar os acontecimentos felizes daquelles dias que não devem nem podem estar longe de tua memória, sem tirar-te á contemplação de tantos votos que a firmeza inspirou-te, Celina, eu appello para tudo isso ; e á bondade de tu'alma e á tua constancia confio minha propria defensa.

Chama-me ingrato, chama-me mau e fingido, accusa-me, condemna-me, mas depois perdõa e restitue-me tudo quanto me déste.

E o que..? porventura já não estou punido?. Que maior castigo do que o remorso? Que maior sentença que a da propria consciencia?..

Não : perdõa sómente.

Tu que te inspiras nas verdades de Deus, que incansas teu espirito ao thuribulo dos altares, que n'alampada tristorosa do templo encontras luz quiçá mais bella que a da estrella da manhã, lembra-te que ha um Pae de bondade que nos ensinou a perdoar, e esse Pae é o mesmo Deus que tão ardente mente adoras.

E na obediencia de um capricho ousarás profanar tua obra?..

Certo que não. Tu me perdoarás.

A inconstancia dos homens induziu-me ao erro; foi pois a natureza quem peccou.

E demais, Celina, eu amo a belleza e sirvo-a como escravo.

Encontrei em tua ausencia, uma mulher tão linda como sempre te vira e quiz amal-a tambem.

O encantamento faz o poeta, e eu decantei essa mulher como tantas vezes te elevára nas humildes estrophes de meu estro mesquinho.

E recolhi-a em meu peito, nesse peito que é o sanctuario dos affectos que te pertencem.

Perjurei, não é assim?..

Julguei elasticas as paixões humanas ; illudi-me.

Hia apostatar mas a sinceridade das crenças em tempo dominou-me e conteve-me, e, á força de querer esquecer-te, aprendi que me é impossivel viver sem ti.

Agora te sentes com a precisa coragem para ensurdecer ás supplicas que te envio?.

Decorridos trez annos, queres ser severa ante a humildade?.

E impossivel!.

Celina, ha descahir por toda parte.

E' lei da contingencia : que nada se conserve immutavel sobre a terra.

Só a essencia se não desvirtua por que isso é a morte ; a forma é variante.

Secca e parte-se um galho, amarellece e cae uma folha e o arvoredo inteiro se despe aos rigores do inverno porque são mornos os proprios raios do sol que o aquece e vivifica, mas nesse tronco desnudado ainda ha muita seiva e muita vida, e a primavera ahi vem de novo enfolhal-o e enflorescel-o.

E' o mesmo com o amor.

A vida, como o anno, tem suas estações ; a alma tem-nas tambem.

De todas que são da alma, porém, é a bella estação, a estação dos amores, a de mais longo durar.

Pois eu tive um dia de desalento,—foi o inverno ; nuvem pesada e sombria veiu escurecer o meu sol, si havia tanto que meus olhos avidos te procuravam em vão e, em um momento, perdõa Celina, meu coração se despiu por ti.

Mas hoje, vencido pela saudade e conduzido pelo pensamento que é só teu, eu volto de novo junto a ti para abrigar-me em teu seio.

Um dia, lembras-te? eu te dizia :

Oh ! pallida menina, oh ! anjo scismador  
Não te lastimes mais, confia em Deus, espera ;  
E as tuas esperanças verás desabrochar  
Em flores perfumosas de eterna primavéra.

E hoje, ainda é essa a minha oração.

Amanhã, quando voltares, espero de teus labios receber o perdão.

CA-FI.

### A Flauta magica

V.

— Que tenho feito para merecer o teu amor, dizia Emilio com voz tremula?

— Não sei... não sei Emilio ; sinto que te amo, que queres mais? As tuas harmonias me attrahem ; a minha alma vaga doida, embriagada pelos céos da arte, vejo-te David compulsando a lyra, Orpheu acordando até os seres inanimados.

— Mas... ai! Philomena, quando me lembra que tanto amor será perdido...

— Perdido? repetiu a moça, olhando-o fixamente...

— Não vés, disse o moço tristemente, que és rica, muito rica... e eu meu Deus...

— E's um genio Emilio!

— Genio? Ai que valem os genios no seculo do dinheiro? Uma moeda vale mais que um genio, os genios morrem de fome!

— Porque descrés? Tão moço, tão cheio de vida e de inspiração, e já sem fé, sem esperança, tombando ao desalento de um presentimento mentiroso. Coragem, meu amigo, pede-me a meu pai : eu sarei da tua ou da morte.

Assim continuaram nesse coloquio até Emilio retirar-se possuido de alguma esperança.

VI.

No outro dia, o moço entrou em casa triste, pallido e abatido ; atirou-se consigo no leito e chorou amargamente.

Elle tinha ido solicitar Philomena em casamento, e ella lhe havia sido negada porque de ha muito se achava promettida ao Dr. L., moço rico que morava em frente á casa de Emilio. O Sr. P., pai da pobre moça que ia ser vendida, conclui-o a sua recusa com uma grosseria própria dos homens de dinheiro :

— O Senhor pelo que vejo, deseja fazer fortuna por meio do casamento?

Emilio Maugé sentio-se ferido no coração e o achavascado commendador sentio-se grande pronunciando essas palavras que em sua stulta opinião tinham visos de sentença.

Dinheiro! tu és a alavanca que moves todos os impossiveis neste mundo! Impossivel? — deviam riscar esta palavra importuna desde que o dinheiro tornou-se a mola real desta grande maquina.

Dinheiro! tu és a alma de quem te possue! infeliz daquelle que nesta vida não te encontra em sua passagem ; para esse, não ha nem dia, nem noite, nem flores, nem risos, nem esperança nem contentamento ; o seu horizonte é sempre triste e negro, sua alma é cheia de luto e de amargura quando tudo ao redor lhe sorri, no meio do esplendor da festa!

VII.

Muitos dias se passaram.

Pallido a definhar, sahia Maugé a passeio, por assim o haver recommended o medico, por S. Domingos e Itapuca ; ahi encontrava sempre Philomena acompa-

nhada sómente de suas escravas. Então o moço com verdadeira amargura dizia-lhe :

— Porque fazes por te encontraras comigo? Não sabes que não podes ser minha? quereis acaso agravar mais as minhas dores?

Dos olhos da moça saltavam duas lagrimas; abatida e melancólica convivia-a a sentar-se junto della e Romeo e Julieta contavam-se mutuamente os sonhos de seus tristes amores.

— Então soffres muito Emilio? — perguntava docemente a moça.

— Sim Philomena; os medicos dizem que eu padego do coração... mas elles trocam a molestia. Que importa, tudo é o mesmo; quando se tem de morrer... Depois de breve pausa acrescentava resignado: hei de bem moço desfolhar ao flores todas da minha primavera no chão do esquecimento; a virgem melancólica dos meus sonhos de poesia, visão mimosa em que alentam-se os ultimos dias de desenganos, encontrarei no céo...

— Deliras, meu amigo?

— Não, eu o sinto. Ha alguma cousa em mim que me vai matando lentamente. Oh! quanta paz e harmonia deve haver lá no céo! o pobre artista ha de por força encontrar agazalho em Deus. Não é elle pai? Não disse seu filho a Magdalena, que os seus muitos peccados lhe seriam perdoados, porque amou muito? Quanto eu te amo tambem ó Philomena!

A moça com a cabeça reclinada no hombro do mancebo deixava correr por entre as mãos que cobriam o rosto, lagrimas quentes de amargura e murmurava:

— Eu te tenho dito tantas vezes que te seguirei por toda a parte, que deixarei meu pai, que irei viver por brevemente onde quizeres, contanto que seja amada por ti, contanto que ouça sempre os sons harmoniosos de tua flauta, os solugos de tuas harmonias. Ai! tem pena de mim! Que culpa tenho eu que meu pae seja tão mau? Não dizes que sou bella? que o tempo deu-me quinze primaveras em quinze beijos, e em cada beijo um um attractivo, um ideal de poeta? Emilio serei tua, ouves? vém fujamos...

— Nunca! Emilio Mougé nunca commetteu uma ação que o fizesse corar em presença de sua consciencia.

Sublime quadro aquelle. A lua que longe se erguia, vinha alumiar com seus frouxos e pallidos raios os dous amantes embevecides, e o mar nos seus monotonos queixumes arrebentava nas pedras da Itapuca, as ondas espumosas, e os flócos de espuma vinham salpicar os pés daquelles dous entes esquecidos da mundo, vivendo só pelo pensamento que amargurado lá ia pelos prados enganosos da phantasia.

O moço como que dispertando continuava:

— Não sabes traduzi o teu nome, e dei-o a uma phantasia que compuz hontem — chama-se — Amor suave. —

A moça sorriu-se agradecida.

G. DE A.

(Continua.)

### Oriente

#### —TREVAS E LUZ—

Sur la scène d'horreur sans jeter un regard  
Sous la nuit forêts il s'enfonce au hasard

A. DE LAMARTINE.

Ergue-se a turba maldita  
Dos vis sequazes do Islam,  
Raça da escrava proscripta  
Pelo mandado de Abraham.

Vôam as negras phalanges,  
Em punho alçado os alfanges  
Onde a perfidia reluz,  
Corre o selvagem descrente,  
Vão as hordas do crescente  
Inundar de sangue a cruz.

Brada a cabilda inquieta  
Dos sectarios do alkorão:  
Por Allah! pelo propheta  
Caia por terra o christão,  
Por Hedjas, pôr Medina  
Rasteje essa raça indina  
Ante os filhos de Ismael,  
Somos nós o soberano,  
Caia ao ferro musulmano  
Todo esse povo infiel.

Stamboul, a predilecta  
D'Allah e do grão Senhor.  
Só ouve a lei do propheta  
Desd' o mar negro ao Thabor,  
Só escuta a voz bemdita  
Que do alto da mesquita  
Chama os crentes á oração,  
Só quer a santa doutrina  
Que a salvação nos ensina  
C' os preceitos do alkorão.

Do exterminio ao fero grito  
A Syria se erga de pé,  
Desde Stamboul ao Egypto  
Corram os fortes da fé,  
Como ante o anjo da morte  
Do alfange ao ferreo corte  
Tudo desfaça-se em pó!  
Acabem por nossas mãos  
Todos, todos os christãos  
Não fique um delles, um só!

A voz dos santos Ulemas,  
Por Allah, nos vem guiar,  
Caião as raças blasphemas  
Ante a progenie de Agar.  
Caia por terra o descrente,  
Ante o poder do crescente,  
Beije tres vezes o chão,  
Depois em sangue banhado  
Seja seu corpo calcado  
Pelos fieis do alkorão.

Assim vozõa aturdido  
Pela doutrina fallaz  
O musulmano atrevido  
De vis embustes sequaz.

## Antonio Gonçalves Dias

## I

Do cóllo da elevada serra do *Itapicurú*, desprende-se uma torrente de aguas que cahindo no proximo valle percorre um curso de cento e cincoenta leguas para levar um perenne tributo ao arrogante Athlantico, que semelhante a um *Senhor* dos idos tempos reeolhe o feúdo de seus dilatadissimos dominios. A' margem direita e oriental desse longo curso, a oitenta leguas de S. Luiz do Maranhão, demora a antiga villa das *Aldéas Altas*, hoje a opulenta cidade de Caxias.

Fundada em meiodos do seculo XVI, as *Aldéas Altas* passando a tomar o nome de Caxias, elevou-se tanto em prosperidade, que veio a tornar-se a mais opulenta cidade não só do Maranhão, como das demais provincias que lhe são limitrophes. A sua riqueza attingiu a tão altas proporções que cedo degenerou-se em desmoralisadora corrupção. Caxias tornou-se um antro de assassinos, um centro de malversações, odios e vinganças: a lei era o poder do forte contra o fraco, a justiça distribuida pelo oppressor contra o opprimido.

Os habitantes repletos de ouro ostentavam um luxo descomedido; a religião de Christo era votada ao escarnio; o vicio imperava em toda a sua hediondez; e a virtude fugia espavorida para as mais remotas aldéas. Caxias marchava a rapidos passos para a ruina, desafiando a colera celeste, que se não fez esperar por muito tempo.

A forcada abdicação do primeiro Imperador, sucedeu a época da regencia tão cheia de terríveis peripécias, que a cada passo parecia submergir a tutelada monarchia sob o volcão das revoltas que desde o Prata ao Amazonas ameaçava fazer tremenda erupção. Pernambuco, Ceará, Minas e Rio-Grande do Sul ião inoculando o espirito da revolução nas demais províncias do imperio.

Totalmente esquecidas as sedições de 1831 e 34, o Maranhão párecia tranquillo sob o governo provisório da regencia, quando de subito o famigerado Raymundo Gomes fez rebentar em *Chapadinha* em fins de 1838 uma sedição, que desprezada pelo então presidente da província Camargo, pouco á pouco foi tomando vulto, e adherindo a si o famoso Balaio, atravessou o governo, um tanto desejado de Manoel Felizardo, e só pôde ser totalmente extinta pelo seu sucessor Luiz Alves de Lima, hoje o bem conhecido duque de Caxias.

Em 1 de julho de 1839, os rebeldes depois de um assedio de mais de douz mezes, tomando a viva força a cidade nella exerceram o mais revoltante canibalismo contra os seus habitantes, que muito haviam feito para que Deos delles se amerciasse aos primeiros embates dos revoltosos.

A penna de um eminent poeta esboçando magistralmente os horrores então commettidos nesse lugar, assim se exprime ainda sob influencia da vista daquellas tristissimas scenas.

....Caxias nadava em sangue; vida, bens e honras,

tudo ia sendo devorado pelas hordas devastadoras, que friamente as maiores crueldades praticavam sem piedade da infancia, da velhice e da virgindade.

« Entre os terríveis canibais notava-se o feroz Ruivo, que fazia garbo de andar coberto de sangue e de apregoar o numero de seus assassinatos perpetrados durante o dia. Em dinheiro e fazendas computa-se o seu prejuizo em quatro mil contos: bem caro pagou Caxias seus crimes passados. Muitos viram neste flagello a maldição celeste invocada pelas victimas de sua perversidade; que assim castigou o céo os reiterados crimes de uma raça prevaricadora; assim muitas cidades se anniquilaram, assim destas desgraças colhem os homens grandes e terríveis lições para o futuro.—Praza o céo que esta senão perca. » (1)

As acertadas e energicas medidas de Luiz Alves de Lima, a paz e o socorro voltou emfim a província do Maranhão, e com ella a continuaçao dos felizes dias de Caxias.

Hoje, sob o liberrimo governo do Sr. D. Pedro II, Caxias é um dos mais felizes centros de prosperidade. Em seu seio goza-se o ar puro e benefico que alli reina sem interrupção; o commercio e industria marchão em via do progresso levando-a a ocupar um dos proeminentes logares entre as mais florescente cidades do imperio.

Porém não é só como um opulento e civilizado centro de população, que aquella cidade tem jus a ser mencionada entre as mais notaveis do sul da America. Ha nella um outro titulo maior de gloria, um feito de mais lustre, uma honra, emfim, que lhe vale mais que seus importantes estabelecimentos agricolas, alto commercio, e desenvolvida industria. Ella tem a gloria immorredoura de ter dado o berço a um dos primeiros, senão o maior poeta, que a litteratura brasileira felizmente possue, para nada ter que invejar as do velho mundo.

FELIX FERREIRA.

(Continua)

## A flauta magica

(Continuação)

## VIII.

Muitas vezes se encontravam e tinham assim conversações.

A ultima vez que Philomena procurou Emilio, era noite. Cynthia mimosa e pallida no seu plenilunio convidava aos amantes a virem gozar de sua luz.

Longe ainda avistou a moça o artista que tirava do seu instrumento favorito, sons tremulos e arrebatadores; deixou ficar suas creadas atráz, avançou e escutou...

A moça estava atraída, subjugada, enlevada pelos sons melodiosos, pelas harmonias maestraes que dos labios do moço passavam-se para a flauta. Labios inspirados!

(1) Gonçalves de Magalhães—*Hist. do Maranhão* cap. VII.

Era a alma de Malibran que para elles se passara, Philomena ajoelhou-se na aréa, comprimio o seio e começou a soluçar. Depois ao som do instrumento dizia a pobre menina :

O' minha mãe, vós que me olhaes lá do céo, bem vêdes que eu não sou culpada da morte deste moço ! ó minha mãe, vós bem sabeis que o amo, e quanto é casto e quanto é puro este amor... porque não rogaes a Deos, que nos desvie deste caminho de tão agros espinhos, porque nelle não espargis flores ?

Depois levantando-se caminhou subtilmente até chegar perto do moço, e quando elle findava a sua phantasia atirou-se-lhes nos braços dando-lhe nos labios um ardente beijo...

— Escutaste ? perguntou elle.

— Sim ! sim, é sublime, é magnifico ! Doce como os sons de orgão extrahidos alta noite em um templo deserto, melancolico e triste como a mãe que abençoa os filhinhos na hora do passamento, terrivel como a nossa agonia.

— E' o amor suave.

— Oh ! bem suave é amor que emana de teus labios ! Olha, Emilio, eu vim ainda esta vez pedir-te que não sejas meu proprio algoz.

Não vês que se morreres, eu morrerei tambem ? Escuta, meu amigo, a vida não é tão amarga como pensas : vém aquecer-te no meu colo, longe, bem longe d'aqui. Deos te inspirará bem mimosas melodias, e eu as beberei nos teus labios ao luar de noites bellas como esta. Ai ! que vida então ! Tu artista inspirado, cheio de poesia, cheio de gloria, viverás em toda a parte porque a pátria do artista é o mundo, e eu cheia de contentamento, de carinhos e de amor, sempre à teu lado, sim de amor ; toda amor por ti, não é assim ? — não queres meu amigo ?

E a moça havia ajoelhado aos pés do mancebo e delirando dizia ainda com fogo :

— Escuta; eu tenho só quinze annos, minh'alma, prezado o osculo de minha mãe, meu coração palpita só de amor, meu puro corpo abrasa-se... por compaixão, não vez que me saltam as lagrimas ?

O moço arrebatado, levantou-a e apertando-a junto ao coração disse-lhe chorando :

— Não vês que eu tambem te amo ? e accrescentou de modo a fazer partir o coração :

— Oh ! eu amo muito, meu Deus, muito !

E começou a soluçar...

Mas depois parecendo despertar de um sonho disse com a voz mais afinada do desalento :

Ai ! mas se sinto já o gelido roçar das azas negras da morte.

#### IX.

Desde essa noite Emilio não saiu mais de casa ; a sua flauta tambem jazeu muda.

O moço finava-se. Seu pai via cheio de dôr ir-se es-

tinguindo a luz da vida de seu pobre filho, sem adivinhar a causa.

O moço já pouco se erguia do leito.

Aquellas harmonias dos tempos mais risonhos idos, que elle havia sentido a mão da providencia traçar-lhe n'alma erão agora tão debeis, tão tristes que o encaminhavam mais depressa para o tumulo.

Quanta gloria não sonhára o moço musico no antever de seu porvir ? quantas ovações não colheria por meio de sua flauta magica como a rabeca de Paganino ?

Quanto talento ! Flor que apenas abria a corola, humida pelo roscio matutino e já queimada pelo mormaço de um amor desgraçado !

Quando houver na terra — porque elle a tem no céo — uma corôa para o artista-genio, para aquelles a quem Deos fadou com a vocação para a arte, principalmente para a arte mais bella, por que é a que mais de perto nos toca n'alma, não morrerão calcados sob o peso do onro tantos entes inspirados pelo céo.

Emilio Maugé, merecia uma corôa. Nem o sábiá das mattas brazileiras, nem o roxinol dos campos Europeus possuem cantos tão doces, como erão doces os sons de sua flauta.

#### X

Foi a 12 de Setembro de 1862.

A aurora havia esfolhado uma rosa no tapete alvacento do céo.

Emilio Ergueu-se ; chegou a janella, contemplou a natureza risonha que se erguia das trevas e suspirou ; porém fraco, magro e tremulo mal pôde suster-se em pé. Dizia seu ultimo adeus ao mundo.

Viu os passarinhos que pipillando saltavam de ramo em ramo, as flores que abriam suas petalas cheias de perfume e humidas pelo orvalho da noite, os insectos que esvoaçavam, o rumor da cidade, os raios do sol e sorriu-se... tanta galla, tanta festa na natureza, e elle só triste ; tudo começava a viver, o dia, os passarinhos, as flores e elle ia morrer ! ..

E' sempre assim neste mundo.

Tirou de sua gaveta a sua flauta, mirou-a com ternura e deu-lhe um beijo ; já não tinha forças para fazel-a cantar ; tornou a deitar-se pesaroso. Durante o dia peiorou muito. Os parentes e amigos lhe rodeavam o leito tristes e mudos.

De tarde a hora em que costumava conversar por meio de harmonias com a sua linda vizinha, deu muito cuidado a todos ; parecia chegado o seu fim.

E na verdade : viram-o tremulo, cadaverico sahir do leito, pedir a flauta a seu pae e em um esforço sobre natural embocal-a tirando sons magnificos, harmoniosos, sublimes, phantasias delirantes e divinas !

As lagrimas corriam expontaneas de todos os olhos.

O instrumento magico gemia e soluçava como os ais de um moribundo ; era o ultimo adeus agonisante que elle enviava a Philomena ; eram as suas glorias, as glorias do seu amor que elle esfolhava á beira da eternidade, porque essa phantasia chamava-se :

*Amor suave!*

Aquelle corpo parecia haver-se transformado todo em um instrumento divino, cujas cordas se arrebentavam a cada som que sahia de seus labios. Elle tinha febre, febre de amor, de gloria, de desespero !

E tocou... tocou delirante, inspirado... divino e cahio morto !

A sua ultima nota foi um gemido, a flauta cahira-lhe das mãos e partira-se em pedaços.

Os circumstantes tão electrisados haviam ficado que tinham prorompido em palmas; porém quando o moco cahiu, ajoelharam-se todos; e muito tempo depois ainda se ouviam soluços—porque lhes parecia ouvirem ainda a continuaçāo daquellas harmonias. . . . . em quanto que o pai abraçado com o corpo do filho dizia:

— Falla, meu filho, falla!...

XL.

### Triste coincidencia !

Nessa mesma occasião Philomena com seu véo branco de noiva, com suas flores de laranjeira, estava na sala da casa vizinha, entre numeroso concurso de pessoas que se preparavam para leva-la ao altar.

De repente viram-a pallida e afflita ajoelhar-se no meio da sala com as mãos postas e com o ouvido attento.

Correram para ella, rodearam-na assustados interrogando-a:

— Silencio !.. disse a moça com voz febril, não ouvem ?... é o — Amor suave — é a alma de um anjo que vôa á eternidade ; e escondendo o rosto entre as mãos dizia delirante :

— Escutem!... escutem!

Era na verdade uma alma pura e bella que procurava nesse instante o caminho do céo.

Emilio Maugé, justamente nesse momento tinha cesado de viver.

Conduziram Philomena para o leito, que seria o do noivado, onde presa de uma febre, no outro dia sucumbiu e foi-lhe o do passamento.

Lá repousa no mesmo cemiterio onde jaz o talentoso musicista

EJM

卷之三

### The epiphyses do not fuse

O globo que habitamos acha-se envolvido em ambiente; por todos os lados, até a altura de 20 legoas, está a terra coberta de uma atmosphera fluida, na qual os monarchas e os proletarios se acham igualmente mergulhados, e da qual mutuamente dependem para viver. Este vastissimo oceano

aerio, acompanha constantemente a terra na sua revolução annual em volta do sol, e pelas leis da gravidade, participa do seu movimento, e com ella effeitura a sua revolução diurna. A terra não se revolve *na* atmosphera mas sim *com* ella: se o contrario acontecesse, a fricção entre o ar e a terra, reduziria o mundo vivente a atomos. O ar é eminentemente elastico, e em extremo susceptivel de movimento; e desde a primeira hora da creaçao até hoje, tem estado sempre em uma parte ou outra dos seus vastos dominios em constante perturbação. Estes movimentos são conhecidos pelo nome de *ventos*, denominação que exprime muitas vicissitudes e traz á idéa a suavidade do *zephiro*, a desenfreada violencia do *tornado* asiatico, o ardor e perniciosidade do *simoon*, a agradavel *briza* do oceano septentrional e o derradeiro sopro vital do amigo expirando.

O calor é a causa *principal* dos ventos. Como os raios do sol descem *perpendicularmente* sobre a terra debaixo da zona torrida, é claro e evidente que a essas regiões se communica muito maior quantidade de calor do que ás outras terras mais *obliquas* para o lado dos polos. Este calor rarefaz o ar, e fazendo-o subir, o vacuo que deixa é immediatamente preenchido pelo ar do norte e sul, que sendo mais frio, modifica o calor violento das regiões equatoriaes e as torna habitaveis. Dest'arte se originam douz ventos, norte e sul, que depois se modificam e mudam. Por exemplo: o movimento diurno da terra diminue gradualmente do equador para os polos; no equador; é de 15 milhas geographicas por minuto, e como esse movimento é comunicado á atmosphera em um grão igual, é evidente que parte della, levada subitamente de uma latitude temperada, onde o movimento é menor, para o equinocial, onde esse movimento é mais rapido, não adquirirá em continente a velocidade daquella que alli se acha, consequentemente a terra a excede em velocidade. Assim as correntes de ar que vão dos polos para o equador, seguindo a superficie da terra, parecerão girar em sentido contrario ao globo, isto é, do oriente para o occidente. Eis a razão porque estas correntes, que, sem a rotação da terra, só produziriam os ventos norte e sul, tem tambem uma direcção para o occidente, e produzem os ventos permanentes de Nordeste e de Sueste.

O terral, a viracão, as moções e os ventos regulares e variaveis, explicam-se todos pelos principios exposto, modificados, porém, por varios outras influencias, tales como os movimentos do mar sob as phases da lua, mudanças chimicas nos elementos essenciaes da atmosphera, etc., etc.

Nas costas do Brasil os ventos geraes são o N. E. e o S. E. — O S. O. sopra quasi sempre com violencia, mas de ordinario dura pouco. O O. e o N. O. são raros e a maior parte das vezes os precursores de alguma tempestade.